

A VIA LÁCTEA

um filme de Luis Buñuel

com Laurent Terzieff, Paul Frankeur, Bernard Verley, Edith Scob, Denis Manuel, Daniel Pilon Pilon, Pierre Clémenti, Alain Cuny, François Maistre, Julien Bertheau, Michel Piccoli
Argumento de Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière

Cópia Digital Restaurada

La Voie Lactée | França, Itália, 1969 – 1h42 | M/12

Festival de Berlim, 1969 – Seleção Oficial Fora de Competição (Prémio Interfilm)

LA VOIE LACTÉE

A ideia de um filme acerca das heresias da religião cristã remontava à leitura, pouco tempo antes da minha chegada ao México, da suma de Menéndez Pelayo, *Historia de los Heterodoxos Españoles*. Esta leitura ensinou-me muitas coisas que eu ignorava, em particular sobre os mártires dos hereges, tanto ou mais convencidos da sua verdade que os cristãos. No comportamento do herege, sempre me fascinaram aquela possessão da verdade e a bizarraria de algumas invenções. Mais tarde, viria a descobrir uma frase de Breton em que, apesar da sua aversão à religião, ele admitia haver “alguns pontos de contacto” entre o surrealismo e a heresia.

Tudo o que se vê e ouve no filme baseia-se em documentos verídicos. O cadáver do arcebispo exumado e queimado em público (porque após a sua morte foram encontrados textos manchados pela heresia, escritos de seu punho) foi na realidade o de um arcebispo de Toledo chamado Carranza. Começámos por realizar um longo trabalho de pesquisa, no centro do qual tronava o *Dicionário Universal das Heresias* do abade Pluquet, em seguida escrevemos a primeira versão durante o Outono de 1967, no Parador de Cazorla, em Espanha na província de Jaén. Carrière e eu estávamos sós, nas montanhas da Andaluzia. A estrada acabava no hotel. Alguns caçadores partiam de madrugada e só voltavam após o cair da noite, trazendo por vezes o terno cadáver de um cabrito-montês. Falávamos o dia inteiro da Santa Trindade, da dupla natureza do Cristo e dos mistérios da Santíssima Virgem. Silberman aceitou o projecto, o que nos surpreendeu, e concluímos o argumento em San José Purúa, em Fevereiro-Março de 1968. Por uns momentos ameaçado pelas barricadas de Maio de 68, o filme foi rodado em Paris e arredores durante o Verão. Paul Frankeur e Laurent Terzieff encarnam os dois peregrinos que, nos nossos dias, caminham até Santiago de Compostela e, libertos do tempo e do espaço, encontram no seu percurso toda uma série de personagens que ilustram as nossas principais heresias.



Pierre e Paul são dois peregrinos que estão a caminho de Santiago de Compostela. É uma viagem no espaço que se desdobra pelo tempo, e que lhes permite percorrer os grandes dogmas que pontuaram a história do catolicismo. Encontram um padre fugido de um asilo psiquiátrico, um chefe de mesa que estuda teologia e testemunham um duelo de esgrima entre um jesuíta e um jansenista. E assistem às Bodas de Canã, à cura falhada de dois cegos por Jesus Cristo, à Virgem Maria a dizer ao filho que se barbeie... Burlesco e autêntico, pleno de humor, este é um “caminho” de todas as heresias em busca da verdade.

A *Via Láctea*, à qual consta que pertencemos, chamava-se outrora “o caminho de Santiago” porque indicava a direcção da Espanha aos peregrinos vindos de toda a Europa do Norte. Daí o título.

Neste filme em que reencontrei Pierre Clementi, Julien Bertheau, Claudio Brook e o fiel Michel Piccoli, trabalhei pela primeira vez com Delphine Seyrig, uma notável actriz com quem andei ao colo em Nova Iorque, durante a guerra. Era a segunda vez — e a última — que punha Cristo em cena, interpretado por Bernard Verley. Quis mostrá-lo como um homem normal, rindo e correndo, enganando-se no caminho, disposto até a fazer a barba, muito distante da imagem tradicional.

Já que falamos de Cristo, creio que na evolução contemporânea da religião, Cristo se apoderou pouco a pouco de um lugar privilegiado em relação às restantes entidades da Santíssima Trindade. Só se fala nele. Deus nosso pai ainda existe, mas é muito vago, muito longínquo. Quanto ao pobre Espírito Santo, ninguém lhe liga nenhuma e só lhe resta pedir esmola nas esquinas.

Apesar da dificuldade e da estranheza do tema, graças à imprensa e aos esforços de Silberman, sem dúvida o melhor promotor de cinema que conheço, o filme teve um sucesso muito honroso. Como *Nazarín*, suscitou reacções contraditórias. Carlos Fuentes viu nele um filme de combate, anti-religioso, enquanto Julio Cortázar chegou a dizer que o filme parecia pago pelo Vaticano.

Estas querelas de intenção deixam-me cada vez mais indiferente. A meu ver, *A Via Láctea* não era nem a favor disto nem contra aquilo. Além das situações e das disputas doutrinárias autênticas que o filme expõe, creio que é acima de tudo um passeio pelo fanatismo com o qual cada um se agarra com força e intransigência ao seu pedaço de verdade, disposto a matar ou morrer por ele. Também me parece que o caminho percorrido pelos dois peregrinos pode ser aplicado a qualquer ideologia política, ou até artística.

Quando o filme estreou em Copenhaga (isto foi-nos contado por Henning Carlsen, encarregue da sala), foi projectado em francês com legendas em dinamarquês.

Na primeira semana, cerca de quinze ciganos, homens, mulheres e crianças, que não falavam dinamarquês nem francês, compraram bilhete e viram o filme. Assim fizeram dezassete ou dezoito dias seguidos. Muito intrigado, Carlsen tentou compreender o motivo daquela fidelidade. Não conseguiu, não falava a língua deles. Acabou por deixá-los entrar gratuitamente. Nunca mais voltaram.

Luis Buñuel, *O Meu Último Suspiro*, Ed. Fenda, Lisboa, 2006

Jean-Claude Carrière entrevistado por Benoît Gautier, *L'Express*, 13 de Julho de 2011 [excerto]

A Via Láctea apresenta-se como um romance picaresco...

Jean-Claude Carrière — Foi em 1967 que começámos a sua escrita num *parador* decorado com anjos e demónios, na Serra de Granada. Estava um Outono maravilhoso. Durante dois meses, ficámos só os dois, em plena montanha, no meio das cabras e cabritos monteses. Por vezes descíamos à aldeia, a uma dezena de quilómetros, para tomar um café. Silberman veio-se juntar a nós em Madrid para ler a primeira versão. Pensámos que iria recusá-la, de tão singular que era o seu tratamento. Ao fim de uma hora e meia, ele regressa e declara: "Ri-me muito. Vou fazer o filme!". Serge passava na altura por um mau momento, e estava um pouco fatigado. Buñuel e eu pegámos-lhe pelo braço e aconselhámo-lo a passar uma temporada numa casa muito boa que ambos conhecíamos, com uns empregados de camisa branca que tratariam muito bem dele. Em suma, conduziamo-lo para um asilo, de tal forma o seu entusiasmo pelo nosso guião nos surpreendeu!

[...]

Buñuel e eu tomámos mais de duas mil refeições em frente um do outro. Experimentámos uma verdadeira vida de casal! (risos) A noção de heresia perseguia-nos a um e a outro desde há muito tempo, e nós queríamos retratá-la no cinema. O pontapé de partida para *A Via Láctea* começou em Cannes, onde vimos *O Maoista* de Jean-Luc Godard. Ao regressar ao hotel, Buñuel meio-seduzido, meio irritado, atirou-me: "Bem, se é isto o cinema de hoje em dia então podemos finalmente fazer o nosso filme sobre heresias!".

Tive então que levar a cabo um trabalho muito difícil. Durante seis meses, reuni um grande número de documentos para levar a Buñuel, uma espécie de catálogo de heresias. Encontrei até um novo sistema de classificações que foi publicado na *Études*, a revista editada pelos Dominicanos desde o final do século XVII. Se o Serge Silberman e eu próprio tivemos algum papel na existência de Buñuel, foi o de o vencer a continuar a fazer filmes. Sem nós dois, talvez tivesse deixado o cinema depois da interdição de *Viridiana* em Espanha sob o regime de Franco. Ele teria podido reformar-se e viver modestamente. Não se esqueçam de que ele tinha na altura sessenta e cinco anos, que conheceu o exílio. Em plena força da idade, não pôde rodar durante uma quinzena de anos, entre *Terra sem Pão* e *Gran Casino*. Apesar de tantas adversidades, Buñuel continuou a ser um homem profundamente bom, sem sombra de amargura.



Jean-Claude Carrière: "Por vezes as nossas vidas colidem com o irracional", por Julien Le Gros, *The Dissident*, 2 de Abril de 2018 [excerto]

Jean-Claude Carrière — Quando fizemos *A Via Láctea* (1969), parecia absurdo fazer um filme sobre as heresias cristãs. Porquê ir procurar esse tema no fim do século XX? Demo-nos conta enquanto o fazíamos, de que não existe apenas o dogma cristão. Existem os dogmas comunista, estético... A atitude do herético que escolhe a sua parte de verdade no interior de um dogma aplica-se a outros domínios que não a religião. É impressionante que um filme deste género tenha feito 200 000 espectadores em Paris e 600 000 em França. O filme não foi muito caro. Fizemo-lo modestamente. Estávamos em Madrid quando Silberman deu a sua aprovação, depois de ler o guião. Buñuel e eu pegámos-lhe cada um por um braço para o conduzir a uma casa tranquila, muito agradável, de paredes brancas. "Será bem tratado e alojado!" Como se ele estivesse louco. Mas não estava. Ele tinha pressentido que havia ali qualquer coisa. É o charme deste produtor. Nos nossos últimos projectos fizemos uma boa e fiel adaptação do *Là-bas* (1891) de Joris-Karl Huysmans. Isto foi fora do caminho livre que tínhamos d'*O Charme Discreto da Burguesia* (1972) a *O Fantasma da Liberdade* (1974).

